



## **Imigração alemã e Nacional-Socialismo: perseguições e silenciamentos em São Lourenço do Sul/RS<sup>1</sup>**

Cristiano Gehrke<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O município de São Lourenço do Sul, localizado no sul do estado do Rio Grande do Sul recebeu ao longo do século XIX e XX levas de imigrantes de origem germânica. A instalação destes imigrantes, principalmente na zona rural do município, fez com que estes vivessem de forma isolada e mantivessem preservados elementos culturais que os diferenciavam do restante da população. Neste sentido, no presente ensaio procuramos fazer uma análise de como ocorreu de formação do município e principalmente analisar o processo de nacionalização empreendido durante o governo de Getúlio Vargas. Buscamos identificar quais foram as medidas adotadas durante o Estado Novo no sentido de homogeneizar culturalmente o município e identificar de que forma ocorreu o processo de silenciamento deste grupo, quais foram as consequências que o referido período teve na região e quais os reflexos podem ser identificados atualmente na sociedade lourenciana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nazismo; imigração; São Lourenço do Sul.

### **Inmigración alemana y nacional socialismo: Persecuciones y silenciamientos en São Lourenço do Sul / RS**

### **ABSTRACT**

La ciudad de São Lourenço do Sul, en el sur de la provincia de Rio Grande do Sul, recibió durante los siglos XIX y XX inmigrantes de origen germánica. La instalación de estos inmigrantes, principalmente en la parte rural de la ciudad, hizo que estos vivieron aislados y mantuvieron conservados elementos culturales que los diferenciaban del restante de la población. En este sentido, en este artículo buscamos hacer un análisis de cómo ocurrió la formación de esta ciudad y sobre todo analizar el proceso de nacionalización llevado a cabo durante el gobierno del presidente Getulio Vargas. Buscamos identificar qué medidas se han adoptado en el Nuevo Estado en el sentido de homogeneizar culturalmente la población e identificar cómo ocurrió el proceso de silenciamiento deste grupo, cuáles fueron las

<sup>1</sup> Recebido em: 30 de dezembro de 2016. Aceito para publicação em: 10 de fevereiro de 2017.

<sup>2</sup> Doutorando em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas/*Universidad* de Buenos Aires. Licenciado em História Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES. E-mail: [cristianogehrke@gmail.com](mailto:cristianogehrke@gmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2286496431507164>.



consequencias que ese período ha tenido en la región y cuáles son las consecuencias pueden ser identificadas actualmente en la sociedad local.

**PALABRAS CLAVE:** Nazismo; inmigración; Sao Lourenco do Sul.

## Introdução

O período compreendido entre os anos de 1937 e 1945 no Brasil, foi marcado pela política nacionalista do governo de Getúlio Vargas. Prisões, destruição de publicações e materiais gráficos foram uma constante nestes anos. A população de origem teuta moradora do município de São Lourenço do Sul no estado do Rio Grande do Sul, sofreu de forma sistemática as consequências deste movimento que tinha como um dos objetivos dissipar os elementos culturais que distinguiram este grupo do restante da população.

Até o ano de 1937 o idioma alemão era de uso corrente não somente no ambiente doméstico, mas também nas escolas ou nas igrejas, onde o ensino e os cultos eram realizados nesta língua. Com o avanço dos ideais nacionalistas e a promulgação de uma série de leis e decretos que cerceavam diversos direitos, estes imigrantes e seus descendentes se viram obrigados a, de uma hora para outra, deixar de fazer uso do seu idioma materno e adotar o português como língua principal<sup>3</sup>.

Dentro deste contexto, diversas instituições associativas filantrópicas e educacionais foram fechadas e ocorreu uma destruição massiva de materiais impressos redigidos no idioma germânico. Este período foi marcado ainda por uma série de conflitos da população com as autoridades policiais. Alguns destes conflitos resultaram na depredação ou na incineração de residências, bem como na vilipendiação de indivíduos, o que fez com que várias pessoas acabassem encarceradas, sob acusação de perturbação da ordem pública ou mesmo sob o pretexto de divulgação de ideais nazistas na região.

---

<sup>3</sup> FACHEL, José Plínio Guimarães. *As violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Editora da UFPEL, 2002.



Além de conflitos da população teuto-brasileira com as autoridades policiais, desavenças com a população nativa foram também uma constante neste período. Denúncias eram efetuadas a todo momento. Estas, de modo geral, quase sempre terminavam com a prisão dos denunciados.

Deste modo, pretendemos ao longo do presente ensaio fazer uma breve análise sobre os aspectos que levaram a polícia local a suspeitar da participação de moradores do município de São Lourenço do Sul na difusão de ideais nazistas na região, procuramos analisar também quais foram as consequências que tal período teve sobre a população e de que forma os eventos que ocorreram há mais de meio século estão preservados na memória das pessoas, antes, contudo, faremos uma breve análise sobre o contexto histórico do período, de modo a entender melhor todo o processo que pretendemos analisar.

## **São Lourenço do Sul e a campanha nacionalista do Estado Novo**

O século XIX assinala o início de um movimento que foi denominado pelos pesquisadores como o período das grandes migrações, no qual centenas de milhares de indivíduos se deslocam do continente europeu em direção ao continente americano. A Europa oferecia uma série de fatores de expulsão. Fatores de ordem religiosa, política, social ou econômica agravados basicamente pela expansão do sistema capitalista e pelos reflexos da Revolução Industrial compeliram uma significativa parcela da superpopulação europeia no período a buscar outras alternativas para sobrevivência.

Enquanto aquele continente sofria com um crescimento demográfico desordenado, o continente americano, enfrentava problemas relacionados à baixa densidade demográfica em algumas regiões, neste sentido, aliando interesses de ambas as partes, a imigração em massa foi estimulada de maneira bilateral. É neste contexto que teve início uma das maiores movimentações humanas já verificadas na história e o Brasil recebeu sucessivas levas de imigrantes, de distintas nacionalidades.

Até iniciar a segunda metade do século XVIII, a região da chamada Serra dos



Tapes era um vasto território coberto de matas, habitado apenas por alguns grupos indígenas, com economia baseada na caça e na pesca<sup>4</sup>. Após a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso (1777), a posse do território gaúcho foi assegurada pela coroa portuguesa<sup>5</sup>, iniciando desta forma a concessão de sesmarias, que tinham como objetivo fortalecer, ocupar e explorar o território do estado.

Com o passar dos anos, o esgotamento da matriz econômica baseada nas charqueadas<sup>6</sup> e o surgimento de uma série de leis que anunciavam a futura extinção do trabalho escravo<sup>7</sup>, impôs-se a necessidade de buscar novas possibilidades para a produção de alimentos. Estes foram os fatores que levaram à criação de colônias de imigração no espaço rural do município<sup>8</sup>.

Além desta necessidade interna, a região que havia recebido os primeiros imigrantes no Rio Grande do Sul estava ficando saturada, e, com o forte crescimento das correntes migratórias, tornou-se necessária a busca de novos territórios<sup>9</sup>. Este crescente interesse pela colonização se deu também devido à criação da Lei de Terras, que possibilitava, através da venda dos lotes, a obtenção de grandes lucros, por parte dos proprietários<sup>10</sup>.

A Serra dos Tapes que no século XIX vivia no auge da produção saladeiril, cujos empreendimentos se concentravam nas margens do Arroio Pelotas, e tinha, desta forma, grande parte do território em situação de relativo abandono, basicamente porque muitas terras não eram adequadas nem à pecuária, nem à monocultura, devido ao grande número de cursos d'água e ao declive acentuado de certas regiões<sup>11</sup>.

No sentido de diversificação das atividades econômicas, criou-se, em 1858, a

<sup>4</sup> ARRIADA, Eduardo. *Pelotas - Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780 - 1835)*. Pelotas: Armazém, 1994.

<sup>5</sup> MAESTRI, Mário. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: EDUPF, 2010.

<sup>6</sup> Empreendimentos nos quais se efetuava a fabricação do charque, carne salgada e seca ao sol, principal alimento da população escrava no período.

<sup>7</sup> Lei do Ventre Livre, Lei do Sexagenário, Lei Eusébio de Queirós e por fim, a Lei Áurea.

<sup>8</sup> ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPel, 2006.

<sup>9</sup> MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: EST. Editora, 2001.

<sup>10</sup> MAESTRI, Mário. *Os senhores da serra: A colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: EDUPF, 2000.

<sup>11</sup> ULLRICH, Carl Otto. As colônias alemãs no sul do Rio Grande do Sul. *História em Revista*. Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL, n. 5, dezembro de 1999.



primeira colônia de imigrantes fundada por iniciativa particular no município de Pelotas, a chamada Colônia São Lourenço, sob administração do empresário Jacob Rheingantz e do estancieiro José de Oliveira Guimarães e que foi colonizada majoritariamente por imigrantes de origem germânica<sup>12</sup>. O sucesso do empreendimento, fez com que em 1884 a colônia se emancipasse de Pelotas, formando o município de São Lourenço do Sul.

São Lourenço do Sul foi considerada uma das primeiras e mais frutíferas colônias particulares da região. É neste contexto, num município dominado pelo elemento de origem germânica, com a economia voltada por a produção familiar de alimentos, que no final da década de 1930 e início da década de 1940, serão implementadas uma série de medidas de cunho nacionalista com o objetivo de criar uma identidade nacional una e integrar o grande número de imigrantes e seus descendentes com a sociedade brasileira, visando aniquilar qualquer sentimento de identificação alienígena.

No momento em que ocorria na Europa, o segundo conflito armado mundial, o Brasil vivia um período de muitas incertezas. Num primeiro momento, conforme autores que estudaram o período<sup>13</sup>, o governo de Vargas “namorava” com a Alemanha. Existia um intenso comércio entre ambos países, o que era bastante conveniente para os dois lados. Mas, por pressões externas, o Brasil saiu de uma neutralidade estratégica, que o governo tentou manter o máximo de tempo possível e declarou guerra ao Eixo em agosto de 1942. Porém, mesmo antes desta declaração “oficial” de guerra, era implantada no Brasil uma política nacionalista.

O ano de 1937 assinala, no país a instituição do regime de autoridade comandado por Getúlio Vargas denominado Estado Novo, que teve duração de oito anos, nos quais a política nacional tinha como base a ideologia de que o “Estado e a Nação constituíam uma unidade indissolúvel”<sup>14</sup>. Neste contexto, foram instauradas políticas no sentido de criar uma “nação homogênea com uma cultura única”<sup>15</sup>, foi o momento em que teve início uma política de

<sup>12</sup> COARACY, Vivaldo. *A Colônia de São Lourenço do Sul e seu Fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva, 1958.

<sup>13</sup> FACHEL, José Plínio Guimarães. *As violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Op. cit.; GERTZ, René. *O neonazismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

<sup>14</sup> WEBER, Roswithia. A criação de um museu de imigração alemã no pós-nacionalização. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.3, n.9, jul./dez.2013. p.02.

<sup>15</sup> POSSAMAI, Paulo. *Dall’Italian siamo partiti: A questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: Ed.UPF, 2005. p.243.



repressão à todas as manifestações culturais, políticas e sociais de comunidades onde predominavam elementos alemães, italianos ou nipônicos.

A existência de desconfianças por parte das autoridades sobre a presença de possíveis elementos com relações com o governo nazista alemão, fez com que a campanha de nacionalização empreendida pelas autoridades e adotada pela própria população fosse bastante representativa em São Lourenço do Sul.

Roche afirma que o objetivo do governo de Getúlio Vargas, ao implementar uma política de nacionalização era pôr em pé de igualdade os imigrantes e seus descendentes com os demais cidadãos que habitavam o solo brasileiro<sup>16</sup>. Contudo, foi necessário recorrer a determinados artifícios, tais como a violência física e psicológica para acelerar este processo.

Conforme exposto anteriormente, grande era o número de imigrantes europeus aqui chegados e a formação de colônias de certo modo homogêneas, isoladas geograficamente, fizeram com que traços culturais dos países de origem destes imigrantes fossem preservados, permanecendo quase que intactos em algumas regiões, criando uma espécie de “guetos étnicos” dentro do Brasil e isto gerava no governo brasileiro um grande desconforto, e este pode ser apontado como um dos motivos pelos quais este grupo de descendentes de imigrantes germânicos sentiu as consequências deste processo de forma muito mais intensa.

A campanha de nacionalização ocorreu de forma sistemática em todo o país, conforme atestam as leis e decretos sancionados no período. Desde 1938 uma série de decretos do governo federal passaram a restringir as atividades dos estrangeiros no país, especialmente as que diziam respeito à sua atuação política e social, passaram a ser proibidas reuniões, eventos sociais, culturais, bem como a expressão no seu idioma nativo.

No sentido inverso, procurando mostrar sua integração à sociedade local, temos exemplos extremos de demonstração de nacionalismo, de devoção à pátria, adotadas basicamente por medo de possíveis represálias. Dentre estas, reportagens veiculadas na imprensa local, hasteamento de bandeiras brasileiras em frente a casas comerciais, fotografias de Getúlio Vargas em escolas e residências, eram algumas das estratégias encontradas pela população para se livrar de possíveis perseguições.

---

<sup>16</sup> ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.p.704.



Estas demonstrações de nacionalismo exacerbado não eram, todavia, uma regra na comunidade. Esta afirmativa pode ser efetuada, tendo por base a análise dos processos relacionados à detenções e prisões no município de São Lourenço do Sul, no referido período.

Na época, a população do município era composta basicamente por elementos de origem germânica. A grande maioria chegou através das empresas migratórias no final do século XIX, porém, na década de 1920 temos um número considerável de imigrantes de origem germânica que vêm a São Lourenço do Sul de forma espontânea. São profissionais tais como professores, pastores, padres, médicos, farmacêuticos, fotógrafos, entre outros.

A especialização destes profissionais e o seu deslocamento ao interior do município, suas condições financeiras, seus regressos ao território alemão, são alguns dos aspectos que levantaram suspeitas frente a sua conduta. Estes imigrantes passaram então a ser observados pelas autoridades policiais locais com mais atenção.

## Os silenciamentos e as perseguições

A filiação ao partido nazista pode ser um indício da vontade pessoal em colaborar com este, ou pode ser considerado como indicativo de uma simpatia com os ideais daquele regime totalitário, o que em alguns casos, conforme aponta Giron pode ser explicado pelo fato de os imigrantes viverem de certa forma isolados, e assim preservaram as suas atividades políticas ligadas às posições trazidas da Europa e não terem ciência das mudanças que ocorreram na agenda política destes grupos<sup>17</sup>.

Vale destacar, conforme abordado por esta autora, que “pequenos produtores rurais, camadas médias urbanas e proletariado não participaram do movimento”. O que não deixa de ser um dado interessante. Quando analisamos, por exemplo o caso de possíveis integrantes do partido nazista em São Lourenço do Sul, todos os investigados são detentores de razoáveis quantias em dinheiro ou proprietários de estabelecimentos comerciais ou de grandes propriedades, ou ainda, profissionais liberais, sendo a maioria residente na zona rural do município.

---

<sup>17</sup> GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Parlanda, 1994.p. 41.



Giron (1994) destaca que o movimento organizado por agentes fascistas era destinado basicamente para a burguesia regional, sendo para tanto, enviados para a Região de Imigração Italiana “imigrantes tutelados”, agentes fascistas encarregados de organizar o movimento fascista regional. Conforme a autora, estes imigrantes tinham uma formação e planos diferentes do que aqueles que chegaram para colonizar a região. Tinham em grande parte dos casos formação superior ou técnica, e vinham para o Brasil não somente para enriquecer, mas propagar o novo regime italiano, tendo vindo, principalmente após 1923. Raros teriam sido os imigrantes desta nova “imigração” que não tinham uma profissão voltada para as carências fundamentais da região. O sucesso da iniciativa dependia da aceitação destes por parte dos imigrantes já instalados na região, o que, na visão da autora, teria sido facilitado em função do seu êxito econômico e de sua posição social. Índícios apontam para uma realidade semelhante no município de São Lourenço do Sul, conforme verificaremos na sequência.

Pelo fato de um grande número de personagens, cujos nomes chegaram até nós através da consulta de um documento produzido pela Delegacia de Polícia de São Lourenço do Sul, serem de origem alemã, declarados como sendo profissionais liberais, e que vieram ao Brasil principalmente no início da década de 1920, levou-nos a acreditar que estes pudessem ter tido alguma relação já em território alemão, e que desta forma teriam decidido migrar para o Brasil, na zona colonial de São Lourenço, para ser mais preciso, com fins de divulgação de ideais nazistas, como tanto insistiam as autoridades policiais do período.

Dentre estes personagens, temos as figuras de Paul Kallbach, na condição de professor particular, veio ao Brasil pela primeira vez em 10/05/1924; Maximiliano Strauss, padre, chegou ao Brasil em 18/06/1927; Guilherme Carlos Wolke Loges, dentista, chegou ao Brasil em 1907; Henrique Carl Haller, pastor, chegou ao Brasil em 02/02/1924; Frederico Quillfeldt, farmacêutico; Heinrich Feddern, fotógrafo, chegou ao Brasil em 1922; são alguns dos inúmeros personagens que estavam sob mira das autoridades locais.

É interessante observar que numa região com poucos recursos disponíveis, com um desenvolvimento que engatinhava neste período, muitos destes cidadãos tenham conseguido amealhado dinheiro para fazer uma viagem de retorno ao território alemão.





O nível de especialização destes indivíduos, a sua localização (cada um deles, habitou uma região estratégica da Colônia), bem como o exercício de profissões que necessitavam que os mesmos travassem contatos com grande parte da população local, as suas boas condições econômicas, a posse de rádios, a utilização de energia elétrica em suas propriedades e as perseguições por parte da polícia, podem ser alguns indícios que corroboram a hipótese de que sim, que estes imigrantes podem ter sido, conforme termo engendrado por Giron (1994) imigrantes tutelados do governo alemão.

Desde o seu desembarque em solo brasileiro, até os anos que antecederam a implantação do governo ditatorial de Getúlio Vargas e a promoção da campanha de nacionalização, não foi verificado entre os imigrantes alemães e os seus descendentes um empenho na sua integração com os habitantes nativos do Brasil. Contudo, com a ascensão dos regimes totalitários europeus, uma onda de nacionalismo surgiu de certa forma entre os imigrantes que passaram a fazer uso de seu passado imigrante como motivo de orgulho e a utilização de elementos de diferenciação em relação ao restante da sociedade passaram a ser frequentes.

Além disso, a existência de um partido Nazista e Fascista bastante organizados em Pelotas, como atestam Gill (2001) e Caetano (2013), são aspectos que não podem ser ignorados quando estudamos este período.

Conforme Gill o Jornal A Opinião Pública de 13/04/1938 publica uma notícia na capa, intitulada “Desmascarando o nazismo em Pelotas”:

Já era por demais o arrojo de certos elementos germânicos, aqui domiciliados e que afrontando o espírito de brasilidade peculiar à nossa gente e à nossa nunca desmentida hospitalidade, queriam, contrariando a legislação do país, implantar em nossa terra a doutrina exótica de Hitler, em completo desacordo com a nossa índole e com nossas leis, que proíbem qualquer manifestação política estrangeira em nossa pátria. Entretanto, inúmeros súditos da Gran Germânia, não levando em consideração os recentes decretos do governo federal, continuavam em campanha subversiva, sempre alimentando o grande sonho de tornar o nosso território em possessão alemã<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Gill (2001, p.115).



A autora cita ainda que teriam sido apreendidos materiais dentre os quais constavam “retratos de Hitler, livros nazistas, registros de alemães filiados ao Nacional Socialismo, registradores de correspondências, revistas de propaganda, filmes, prospectos e inclusive uma arma” que teriam sido encontrados na casa de G. Wender, considerado o “chefe do nazismo local e agente do Terceiro Reich”<sup>19</sup>.

O Nacional-socialismo no Brasil, de acordo com Roche, agiu pela criação de organismos nacional-socialistas e pela infiltração de agentes nas sociedades teuto-brasileiras<sup>20</sup>.

A penetração dos ideais do nacional socialismo não adquiriu a mesma importância nas colônias que teria adquirido nos centros urbanos. O que Roche aponta como um fator desencadeado pela certa demora na adoção de novidades, visto a zona rural possuir um ritmo diferente das cidades<sup>21</sup>. O autor cita que os únicos ecos perceptíveis foram a exaltação da raça, língua e costumes alemães, e o que teria fortalecido a consciência de sua origem germânica teriam sido as medidas coercitivas.

Roche afirma ainda que a “penetração política do III Reich foi uma atitude não favorável à integração dos imigrantes a comunidade brasileira”<sup>22</sup>. “Alemães de nascimento e coração, haviam conservado toda a sua simpatia para com a pátria” dando as costas ao Rio Grande, de “onde tiravam sua fortuna, porquanto nele encontravam a má vontade de uma administração preguiçosa, que encarnava o ‘Brasileiro’ por oposição ao ‘Alemão’”.

Assim, dois fatores: a deflagração de um apoio formal do Brasil ao combate dos países do Eixo e o isolamento, seguido de uma coesão étnica e o sentimento de superioridade que muitas vezes era evidente nas comunidade migrantes, fez com que tivesse início uma política de repressão à todas as manifestações culturais, políticas e sociais destas comunidades. A publicação de uma série de leis, decretos visava regular questões que até então eram livres.

---

<sup>19</sup> Ibidem, p.116.

<sup>20</sup> ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. p. 717-719.

<sup>21</sup> Ibidem, p.720.

<sup>22</sup> Ibidem, p.595.



A manutenção da utilização da língua alemã em ambientes domésticos e o uso de rádio que principalmente através do *Deutscher Kurswellensender* (Emissora Alemã de ondas curtas) que permitia que as pessoas se mantivessem informadas sobre o que acontecia no mundo foram proibidos.

Além disso dentre as questões mais visadas para iniciar a nacionalização, estava a educação e a religiosidade. Temos ainda os exemplos das inúmeras associações e grupos étnicos que tiveram que cambiar o nome pelo qual eram conhecidos, tais como ocorreu com as Sociedades de Mútuo Socorro, as Sociedades de Canto e outras tantas foram impedidas de seguirem funcionando, como foi o caso de algumas Sociedades de Tiro.

Conforme já afirmado, a campanha de nacionalização ocorreu de forma sistemática em todo o país, conforme atestam as leis e decretos sancionados no período. Desde de 1938 uma série de decretos do governo federal passou a restringir as atividades dos estrangeiros no país, especialmente as que diziam respeito à sua atuação política.

Uma intensa vigilância fazia parte do cotidiano de toda população, em especial àquela descendente de algum país que fazia parte do Eixo, durante o período aproximado de 1939 até 1945. Esta vigilância pode ser comprovada por exemplo, pela listagem com a relação se “súditos do Eixo” que residiam em São Lourenço, cuja cópia foi encontrada na Delegacia de Polícia de São Lourenço.

Além disso o grande número de prisões para “averiguações” que pode ser verificado ao analisar-se os Livros de Registro de Prisões e Detenções da Delegacia de Polícia de São Lourenço, comprova que não necessariamente eram efetuadas investigações para proceder a prisão de algum indivíduo, e sim que sob qualquer desconfiança era efetuado o encarceramento do acusado.

A apreensão de material foi uma das mais comuns e mais relatadas atualmente, quando este período é lembrado pelos depoentes. Os materiais apreendidos eram de toda ordem: documentos, fotografias, impressos, jornais, revistas, livros, rádios.

Interessante observar alguns comportamentos que eram considerados como indícios da prática de atividades ilícitas. A professora Tusnelde Koppelman fazia saídas esporádicas noturnas desacompanhada. Isso por si só já era algo recriminado na sociedade machista da



década de 1940 e em se tratando de uma mulher solteira, que exercia o cargo de professora particular, ou seja, possuía uma certa liberdade, isso era potencializado.

Além disso, foi localizado na residência da mesma, sobre a sua cama, um retrato do *Führer* e comportamentos antinacionalistas em um evento escolar, como colocar uma bandeira no pescoço de um cão e dizer: “Então tu é brasileiro e esqueceu a tua bandeira?” fez com que as desconfianças ficassem mais evidentes.

No caso de outros personagens, tais como Heinrich Feddern, o sucesso econômico também era visto com desconfiança. Conforme constatação do delegado responsável pelas prisões e investigações, alguns elementos residentes em São Lourenço recebiam verbas do Reich para propagar os ideias nazistas em solo brasileiro. O fato de estes indivíduos possuírem rádios transmissores que possibilitavam a comunicação com a Alemanha, bem como o recebimento de propagandas nazistas, fazia com que estes indivíduos não tivessem muitos argumentos para provarem a sua inocência, e que culminou com a prisão de quase todos os investigados.

Com a derrota da Alemanha no conflito os processos foram todos arquivados, os envolvidos postos em liberdade. Muitas destas libertações ocorreram pouco tempo depois das prisões, basicamente pela ausência de provas. Muitos acusados, sabendo das desconfianças das autoridades, queimaram documentos que pudessem comprovar uma possível conspiração, uma possível participação em qualquer ato que pudesse vir a ser considerado como contrário à campanha de nacionalização. Este é um dos motivos que justifica a pouca presença de materiais gráficos na região atualmente. Os entrevistados justificam que neste período, todos os materiais teriam sido destruídos, basicamente por medo de represálias. Giron afirma que a “população aterrorizada passou a demonstrar seu patriotismo de todas as formas possíveis”<sup>23</sup>. A mudança de nome tanto de indivíduos, como de associações étnicas, ou até mesma a extinção destas foi uma constante no período.

Assim, a destruição de materiais gráficos, a proibição de viagens, a proibição de reuniões, ou até mesmo a utilização da língua foram algumas das principais consequências que a campanha nacionalista trouxe para os descendentes de italianos e alemães neste período.

---

<sup>23</sup> GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Parlenda, 1994. p. 144.



Giron destaca que “salvos condutos eram exigidos para que pudessem ser realizadas viagens” e que estes “eram obtidos de forma simples nas Delegacias de Polícia”<sup>24</sup>.

Percebemos que durante os depoimentos tomados na Delegacia, os acusados de modo nenhum negaram a simpatia pelo governo alemão, ou uma possível participação em campanhas de divulgação dos ideias. O senhor Germano Koppelman por exemplo, cita que possuía sim um retrato de Adolfo Hitler, pois o considerava um grande governante, além de ser a autoridade máxima de seu país de origem.

Sentimentos racistas por parte dos acusados eram comuns. Tusnelda no momento de sua prisão por exemplo, ordena “larguem-me raça amarela desgraçada”, além de agredir os agentes responsáveis pela sua prisão.

Outro entrave apontado é o fato de a grande parte dos colonos fazer uso do dialeto pomerano no seu dia a dia. O início da vida escolar era bastante traumático para as crianças, uma vez que eram raras as que se comunicavam de outra forma, e eram raras as que compreendiam algo do português. E por este fato, os professores teriam grande dificuldade em ministrar suas aulas na língua nacional, tendo em vista as grandes diferenças linguísticas.

## Algumas considerações

Sobre o processo de nacionalização ocorrido em São Lourenço do Sul, foi possível verificar em algumas correspondências expedidas pela Intendência Municipal que o combate à qualquer elemento que pudesse representar algum tipo de ameaça à soberania nacional era bastante intenso. Percebemos que eram realizadas inspeções periódicas pelo interior do município, com o intuito de verificar se existia ou não algum reduto de defensores do nacional socialismo.

Interessante observar alguns comportamentos que eram considerados como indícios da prática de atividades ilícitas. O sucesso econômico também era visto com desconfiança. Conforme constatação do delegado responsável pelas prisões e investigações, alguns elementos residentes em São Lourenço recebiam verbas do Reich para propagar os ideias

---

<sup>24</sup> Ibidem, p.127.



nazistas em solo brasileiro. O fato de estes indivíduos possuírem rádios transmissores que possibilitavam a comunicação com a Alemanha, bem como o recebimento de propagandas nazistas, fazia com que estes indivíduos não tivessem muitos argumentos para provarem a sua inocência, e que culminou com a prisão de quase todos os investigados.

Com a derrota da Alemanha no conflito os processos foram todos arquivados, os envolvidos postos em liberdade. Muitas destas libertações ocorreram pouco tempo depois das prisões, basicamente pela ausência de provas. Muitos acusados, sabendo das desconfianças das autoridades, queimaram documentos que pudessem comprovar uma possível conspiração, uma possível participação em qualquer ato que pudesse vir a ser considerado como contrário à campanha de nacionalização. Este é um dos motivos que justifica a pouca presença de materiais gráficos na região atualmente. Em entrevistas efetuadas durante a nossa investigação, os entrevistados afirmam que neste período, todos os materiais teriam sido destruídos, basicamente por medo de represálias. Giron afirma que a “população aterrorizada passou a demonstrar seu patriotismo de todas as formas possíveis”<sup>25</sup>. A mudança de nome tanto de indivíduos, como de associações étnicas, ou até mesmo a extinção destas foi uma constante no período.

Assim, a destruição de materiais gráficos, a proibição de viagens, a proibição de reuniões, ou até mesmo a utilização da língua foram algumas das principais consequências que a campanha nacionalista trouxe para os descendentes de alemães neste período. Giron destaca que “salvos condutos eram exigidos para que pudessem ser realizadas viagens” e que estes “eram obtidos de forma simples nas Delegacias de Polícia”<sup>26</sup>.

De certa forma, podemos perceber que este sentimento hostil permaneceu por um longo período de tempo, tendo sido acentuado no período que seguiu o governo de Vargas, quando da implantação do nacionalismo, momento em que foram efetuadas uma série de denúncias, bem como ataques a empreendimentos de estrangeiros ou seus descendentes.

Fachel (2002) coloca que alguns de seus entrevistados, quando questionados sobre este período, teriam relatado o sentimento de “inveja” por parte dos nacionais em relação ao elemento estrangeiro devido ao seu sucesso econômico. Roche neste sentido, afirma que uma

---

<sup>25</sup> Ibidem, p.144.

<sup>26</sup> Ibidem, p.127.



das opiniões que geralmente eram difundidas era de que o “colono devia permanecer agricultor”, uma vez que este teria sido o motivo de sua vinda ao Brasil<sup>27</sup>.

O estrangeiro era considerado pertencente a uma casta inferior. Roche afirma que não foi tanto pelas crenças religiosas, nem mesmo pelos ideais políticos que ocorreram as perseguições, mas basicamente por serem “alemães” e terem permanecido fiéis aos seus costumes, língua e mentalidade<sup>28</sup>.

A prisão de alemães ou de descendentes diretos, acusados de serem colaboradores do nazismo foi a uma das formas mais eficientes encontradas pela força policial de intimidar a população e evitar novos casos.

Conforme pode ser averiguado nas entrevistas, havia no período um medo generalizado. Fachel (2002) em seu estudo verificou uma série de arbitrariedades cometidas neste período em nome de uma “possível defesa” da segurança nacional.

Acreditamos que a grande parte da população, realmente não tivesse conhecimentos profundos da situação política vigente no momento, da tensão que existia no mundo todo. Chegamos a tal conclusão em função de alguns aspectos, dentre os quais podemos citar o limitado acesso aos meios de comunicação na zona rural. Em geral, eram os proprietários das casas comerciais que tinham um rádio, no qual eram escutadas as notícias e as comunicações eram repassadas oralmente.

Poderia sim existir um conhecimento do conflito, até mesmo um apoio velado ao ditador alemão, mas falar que os colonos participaram ativamente de um plano de expansão nazista no município já é outra história. Neste sentido, é interessante o posicionamento de Gertz (2012) que afirma que uma coisa era simpatizar com posicionamento político do *Führer*, outra era concordar com as arbitrariedades e os abusos cometidos pelo seu governo.

Percebemos que as desconfianças em geral não repousavam sobre os colonos, que eram taxados, como pode ser observado nos processos, como sendo “ingênuos, ignorantes e facilmente influenciáveis”. Quem era vigiado, quem realmente foi percebido como sendo nazista, eram aqueles elementos que chegaram à região nas décadas de 1910 e 1920, os quais

---

<sup>27</sup> ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Op. cit., p. 707.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p.709.



eram, quase todos, profissionais liberais, tais como pastores, professores, fotógrafos, farmacêuticos, ou seja, pessoas com uma certa bagagem cultural e que muitas vezes tinham tido acesso a cursos técnicos ou até mesmo superiores.

Assim, analisando os livros de registros de prisões percebemos que a grande parte dos ditos “súditos do Eixo” eram alemães natos, que chegaram ao município nas décadas de 1910-1920, ou seja, mais de 50 anos após a chegada dos primeiros grupos de imigrantes, que ocorreu no final da década de 1850, dos quais muitos já haviam falecido ou estavam em idade avançada.

Ao analisar os dados levantados por esta investigação, percebemos que foram variadas as formas de controle exercidas tanto pelas polícias, pela população em geral, quanto pelo governo nacional, que através da publicação de decretos e leis tornavam efetiva a nacionalização do Estado brasileiro.

Conforme Corsetti, et al a campanha de nacionalização teve uma forte extensão em todo o estado gaúcho, sobretudo nas regiões coloniais de origem italiana e alemã<sup>29</sup>. Estes autores afirmam que uma forte solidariedade entre os colonos e uma imensa vontade em manter preservadas as suas tradições, bem como a falta de investimentos mais numerosos por parte do governo na instrução pública, possibilitou a criação de escolas comunitárias que foram, conforme pode ser averiguado nas investigações empreendidas, um dos maiores focos de resistência à nacionalização e conseqüentemente um dos principais alvos da política nacionalista empreendida pelo poder público.

Esta política foi composta basicamente pela demissão de professores estrangeiros e sua substituição por nacionais, bem como a obrigatoriedade de determinados conteúdos programáticos, e a obrigatoriedade de cada escola possuir uma bandeira nacional e um retrato do então presidente brasileiro, Getúlio Vargas.

Percebemos que, conforme foi apontado nos documentos analisados, uma das principais causas da pouca eficácia da política nacionalista entre as comunidades germânicas em São Lourenço do Sul decorria do fato de as práticas religiosas serem conduzidas no

---

<sup>29</sup> CORSETTI, Berenice. Neoliberalismo, memória histórica e educação patrimonial. *Revista Ciência e letras*. Faculdades Porto Alegrense de educação, ciências e letras, n. 27, 2007. p. 177.





idioma alemão, o que fazia com que fosse necessário que os colonos compreendessem o idioma para que pudessem, por exemplo, ser confirmados. Isto, de acordo com os documentos, seria um grande entrave.

Outro entrave apontado é o fato de a grande parte dos colonos fazer uso do dialeto pomerano no seu dia a dia. O início da vida escolar era bastante traumático para as crianças, uma vez que eram raras as que se comunicavam de outra forma, e eram raras as que compreendiam algo do português. E por este fato, os professores teriam grande dificuldade em ministrar suas aulas na língua nacional, tendo em vista as grandes diferenças linguísticas.

Ocorreram outras formas de tornar efetiva a campanha de nacionalização. Dentre elas, por exemplo, como foi abordado anteriormente, o recolhimento de publicações feitas em idiomas diferentes do nacional, a apreensão de aparelhos rádio difusores, que fazia parte de um rígido controle para identificar quais informações as pessoas tinham acesso.

Poucos anos após a implementação da política nacionalista, já era possível perceber a efetividade do referido programa. A grande maioria dos imigrantes e seus descendentes já estava perfeitamente adaptada aos costumes gaúchos, já faziam uso do idioma nacional e apreciavam as formas de lazer tipicamente regionais, tais como as pencas.

Passados mais de 70 anos, a campanha de nacionalização até hoje é cercada de tabus e continua sendo pouco comentada pela população local, mesmo que as lembranças ainda estejam presentes na memória do grupo todo.

Partilhamos do mesmo entendimento que Halbwachs (2006) que afirma que para evocar o passado em geral, a pessoa precisa recorrer à lembrança de outros, mesmo que esta não se confunda. De acordo com o autor, a memória tem sempre um caráter social, pois ela é um fenômeno social. Assim percebemos que mesmo que muitos moradores do município lourenciano não tenham vivenciado aquele período, eles o tem bastante presente nas suas recordações. Aquele foi um período bastante doloroso para parte da população teuto brasileira e suas marcas podem facilmente ser identificadas ainda hoje.

Durante a realização de nossa investigação, quando realizamos a coleta de uma série de depoimentos orais com descendentes de imigrantes de origem germânica e fazíamos questionamentos relacionados àquele período, as respostas que recebíamos eram de certo



modo evasivas, e os depoentes procuravam se esquivar da responsabilidade de comentar um assunto ainda tido como bastante delicado, mas ao mesmo tempo, foi possível verificar um grau de pertinência bastante grande de lembranças daquele período.

A utilização, nos depoimentos, de generalizações quando se referiam ao período foi uma constante. Em nenhum momento ao longo das entrevistas que realizamos há referências à participação de algum familiar em qualquer evento ou movimento que pudesse identificar o mesmo como sendo “colaborador” da expansão do nacional socialismo no sul do Brasil, como insistiam em afirmar os relatórios produzidos pelas autoridades daquele período.

São sim comentadas, por todos os entrevistados, as perseguições sofridas naquela época, mas estes comentários se limitam a destacar que o uso do idioma alemão fora proibido, tanto na igreja quanto nas escolas, o que teria gerado uma série de problemas. É comum aparecerem nos depoimentos, referências à indivíduos que teriam sido coagidos a destruir materiais impressos na língua alemã, mesmo que estes não tivessem relação alguma com questões políticas e neste ponto é interessante notar, que os entrevistados negam que tenham feito qualquer tipo de destruição, de qualquer tipo de material, contudo, com o andamento da entrevista, com o desenrolar da coleta dos depoimentos, quando questionados da existência de algum material impresso, algo livro, jornal que pudesse nos auxiliar na nossa investigação, tínhamos quase que automaticamente a afirmação, por parte dos entrevistados de que nada existia, que tudo teria sido destruído.

Percebemos desta forma, que um mesmo episódio é narrado de formas distintas por um mesmo indivíduo. Quando questionados de forma direta, se teriam sofrido algum tipo de perseguição negam veemente e afirmam que a única consequência teria sido a impossibilidade de falar seu idioma materno em público, mas que vizinhos ou conhecidos teriam sido presos e que teriam tido suas casas invadidas. Por outro lado, quando questionados sobre a existência de algum livro, carta, jornal afirmam que estes materiais foram destruídos durante o período do Estado Novo por medo de algum tipo de repressão.

Foi possível constatar que parentes diretos de outros indivíduos que foram entrevistados estavam em uma listagem de indivíduos investigados pela Delegacia como supostos colaboradores dos nazistas no Brasil. Mas nenhuma referência a este assunto foi feita nos depoimentos.



Analisando os depoimentos, constatamos que são evitados certos assuntos. Determinados aspectos ainda são muito dolorosos para muitos entrevistados, bem como atuais posicionamentos do poder público local de estímulo à utilização do dialeto parecem-lhes um paradoxo, pois conforme afirmou uma senhora num depoimento “primeiro proibiram a gente de falar alemão, agora querem que a gente fale. Parecem todos loucos, pois um dia querem uma coisa, no outro querem outra”.

Ao analisar os dados levantados por esta investigação, percebemos que foram variadas as formas de controle exercidas pelo governo nacional, através da publicação de decretos e leis que tornassem efetivo o programa de nacionalização do Estado brasileiro. Após a publicação das leis e dos decretos, ficava a cargo da polícia a fiscalização de seu cumprimento e a condenação de possíveis infratores.

Nossos entrevistados destacam que um grande número de prisões eram efetuadas de forma arbitrária. O que foi referendado quando analisamos os Livros de Registro de Prisões e Detenções da Delegacia de Polícia de São Lourenço, que indicou que não necessariamente eram efetuadas investigações antes de proceder a prisão de algum indivíduo, e sim que sob qualquer desconfiança era efetuado o encarceramento, e a justificativa destes era geralmente a mesma: “averiguações”. Pouco antes da derrota da Alemanha no conflito, os processos foram todos arquivados e os envolvidos postos em liberdade. Muitas destas libertações ocorreram pouco tempo depois das prisões, basicamente pela ausência de provas concretas.

A apreensão de materiais foi outra das ações mais comuns e mais relatadas atualmente quando este período é lembrado pelos depoentes. Os materiais apreendidos eram de toda ordem: documentos, impressos, jornais, revistas, livros, fotografias, rádios.

Ainda sobre o processo de nacionalização ocorrido em São Lourenço do Sul, foi possível verificar em algumas correspondências expedidas pela Intendência Municipal que o processo de combate à qualquer elemento que pudesse representar algum tipo de ameaça à soberania nacional era bastante intenso.

Contudo, as identidades, conforme relata Stuart Hall (2014), são dinâmicas, mutáveis. Os indivíduos ao longo de sua existência passam por uma série de mudanças, mudanças estas que fazem com que seus referenciais sócio culturais se tornem heterogêneos e



estes adotem outras formas de identificação, neste contexto, visando escapar de possíveis retaliações, os imigrantes de origem teuta adotaram uma série de mecanismos para driblar a repressão, dentre os quais se destacam um isolamento ainda maior do que aquele no qual já viviam, a destruição voluntária de documentos em alemão e as demonstrações públicas de amor à pátria.

Além disso, os depoimentos dão conta que de que demonstrações de nacionalismo exacerbado eram uma constante. Em praticamente todas as residências existiriam retratos do então presidente Getúlio Vargas e nenhuma fotografia escolar era produzida, sem que os alunos empunhassem uma bandeira brasileira, o que fica evidenciado quando observamos registros fotografias daquele período. Período em que os ânimos estavam acirrados e de acordo com o senso comum, nazistas e anarquistas eram entendidos como sendo sinônimos, basicamente pelo fato de expressarem aspectos “negativos”.

Percebemos ao longo da nossa investigação que o apagamento repressivo dos traços culturais de descendentes de imigrantes germânicos empreendido pela política nacionalista de Vargas, fez com que a população teuto-brasileira ficasse de certo modo ainda mais isolada do que era. O não domínio do idioma vernáculo, bem como a impossibilidade de poder se expressar em público no idioma materno, fez com que as pessoas evitassem em sair de casa e os contatos com o “mundo exterior” fossem cada vez menos frequentes, o que por sua vez, fez com que o objetivo visado pela campanha de nacionalização tivesse resultados totalmente opostos aos almejados, uma vez que, a comunidade mais isolada, preservou de forma mais evidente características culturais e que passados mais de 150 anos da chegada dos primeiros imigrantes à região, ainda hoje são raras as casas na zona rural, onde a comunicação doméstica não é feita no dialeto pomerano.

## Bibliografia

ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPel, 2006.



ARRIADA, Eduardo. *Pelotas - Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780 - 1835)*. Pelotas: Armazém, 1994.

COARACY, Vivaldo. *A Colônia de São Lourenço do Sul e seu Fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva, 1958.

CORSETTI, Berenice. Neoliberalismo, memória histórica e educação patrimonial. *Revista Ciência e letras*. Faculdades Porto Alegrense de educação, ciências e letras, n. 27, 2007.

FACHEL, José Plínio Guimarães. *As violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Editora da UFPEL, 2002.

GERTZ, René. *O neonazismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Parlenda, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

LEMONS, Vanessa dos Santos. *Propaganda e coerção na política educacional do Estado Novo (1937-1945), em Pelotas/RS*. Dissertação de Mestrado História – UFPEL, Pelotas, 2012.

MAESTRI, Mário. *Os senhores da serra: A colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: EDUPF, 2000.

MAESTRI, Mário. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: EDUPF, 2010.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: EST. Editora, 2001.

POSSAMAI, Paulo. *Dall'Italian siamo partiti: A questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: Ed.UPF, 2005.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

ULLRICH, Carl Otto. As colônias alemãs no sul do Rio Grande do Sul. *História em Revista*. Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL, n. 5, dezembro de 1999.

WEBER, Roswithia. A criação de um museu de imigração alemã no pós-nacionalização. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.3, n.9, jul./dez.2013.

## Documentação:

Acervo da Delegacia de Polícia Civil de São Lourenço do Sul.